

## Migalhas Filosóficas: Um Espelho Dialético

### Philosophical Fragments: A Dialectical Mirror

Humberto Araújo Quaglio de Souza

Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz  
de Fora

**RESUMO:** O livro *Migalhas Filosóficas*, publicado pelo pensador dinamarquês Søren Kierkegaard sob o pseudônimo Johannes Climacus, a despeito de sua pequena extensão permite ao leitor vislumbrar temas e problemas que permeiam toda a história do pensamento ocidental desde a antiguidade e desde os primórdios do cristianismo. Este artigo pretende mostrar como dois pensadores antigos, Platão e Agostinho, podem ser relacionados aos problemas discutidos na referida obra kierkegaardiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** KIERKEGAARD; PLATÃO; AGOSTINHO; DIALÉTICA.

**ABSTRACT:** The book *Philosophical Fragments*, published by the Danish thinker Søren Kierkegaard under the pseudonymous Johannes Climacus, in spite of its short length allows its reader to have a glimpse of themes and problems that permeate the whole history of the Western Thought since the Ancient times and since the beginning of Christianity. This article intends to show how two ancient thinkers, Plato and Augustine, can be related to the problems discussed in the aforementioned Kierkegaardian work.

**KEYWORDS:** KIERKEGAARD; PLATO; AUGUSTINE; DIALECTIC.

## 1. Imaginação e reflexão

*Dialectica est bene disputandi scientia.*  
Aurélio Agostinho (PL32, *De Dialectica*, 1)  
*...jeg er egentlig Reflexion fra først til sidst.*  
Søren Kierkegaard (SKS 16,62)

Kierkegaard apresenta um interessante argumento contra quem queira, porventura, chamá-lo de gênio. Em sua obra *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*, publicada postumamente, o filósofo de Copenhague estabelece a contrariedade entre genialidade e reflexão: “[...] se carece de reflexão na medida em que se tem gênio, e inversamente, já que a reflexão é, propriamente falando, a negação da imediateza” (KIERKEGAARD, 1986, p. 38,

SKS 16, 56). É de se esperar que ele tenha sido chamado de *gênio da reflexão*, o gracejo mais óbvio que se pode fazer diante da relação de contrariedade entre o gênio e a reflexão por ele estabelecida. E Kierkegaard, de fato, assim foi chamado, mas respondeu afirmando que tal mistura entre os dois inversos não explica nada. Sob esta perspectiva, se genialidade é imediatez, então a reflexão, *a contrario sensu*, é sempre algo que se relaciona com mediação. Diante desta relação de oposição, é possível perceber que o pensador dinamarquês rejeita ser chamado de gênio, pois mais adiante ele afirma: “Não conheci a imediatez; por conseguinte, de um ponto de vista estritamente humano, não vivi. Comecei imediatamente pela reflexão: não a adquiri um pouco com a idade: sou reflexão do princípio ao fim” (KIERKEGAARD, 1986, p. 75, SKS 16, 61-62). Um começo genial, visto que foi imediato, e considerando o que ele mesmo havia afirmado.

Não parece, porém, ser de grande utilidade afirmar, negar ou discutir a genialidade de um pensador influente. Contudo, dar atenção à associação que Kierkegaard faz de si mesmo com a ideia de reflexão pode ser algo muito mais útil para a compreensão e interpretação de sua obra.

Entretanto, antes de se voltar à discussão sobre a ideia de reflexão, será útil, para o desenvolvimento do argumento a ser apresentado, discorrer um pouco sobre a imaginação e usá-la como instrumento nesta exposição. Se se admitir que imaginação está relacionada com a construção de imagens na mente, e se tais imagens podem representar ideias, então um exercício de imaginação pode ser útil na exposição de um argumento. O exercício ora proposto consiste em se imaginar todo o pensamento ocidental como um grande salão. Que não seja imaginado um salão de estilo contemporâneo, com poucos móveis e objetos e com muito espaço vazio. Tais salões modernos não servem para a representação que se quer aqui. Será mais adequado pensar em um salão em estilo barroco ou rococó de um grande castelo, muito ornamentado e cheio de móveis e objetos variados. Imagine-se, então, que cada objeto desse salão represente uma obra do pensamento ocidental; que cada vaso, relógio, escultura, pintura, enfim, qualquer ornamento, represente um livro, um texto, um escrito, um relato, uma ideia; e cada autor dessas peças do pensamento seja considerado um artífice.

Conforme citado acima, Kierkegaard diz de si mesmo que é “reflexão do início ao fim”. Parece ser coerente, portanto, que ele seja

representado como um fabricante de espelhos, e que cada um de seus escritos seja um espelho colocado nesse salão. Um desses espelhos, assim, é o livro Migalhas Filosóficas. Não é um daqueles espelhos grandes que se afixam a paredes, capazes até mesmo de duplicar um ambiente inteiro; antes, é um espelho pequeno, fabricado com arte, e ligeiramente convexo, de tal maneira que, se o aproximamos de um objeto, ele o reflete por inteiro, mas permite também que todo o ambiente ao redor seja vislumbrado, ainda que de forma distante, em seus cantos.

A dialética é um dos componentes mais importantes na construção do pensamento ocidental. Dialética, de fato, é termo polissêmico, e foi usado de maneiras diversas, com sentidos diversos, ao longo da história da filosofia. As mentes contemporâneas, assim como as dos séculos XIX e XX, acostumaram-se ao sentido que Hegel deu à palavra, relacionando-a a uma síntese de opostos, e o próprio Kierkegaard viveu em um tempo fortemente influenciado pelo hegelianismo. Na transição entre antiguidade e medievo, porém, a palavra “dialética” era usada com outro sentido. Agostinho, por exemplo, em um texto dedicado justamente à dialética (*De dialectica*), a definiu como “a ciência do bem disputar” (PL 32, *De dialectica*, 1, tradução nossa). Em uma passagem de seus Solilóquios, o Bispo de Hipona faz referência a esta *disciplina disputationis* (PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 11.19) referindo-se à dialética, e um tradutor assim expressou a ideia desse filósofo em português: “[...] a dialética, que é a arte de argumentar em diálogo [...]” (FIOROTTI, apud AGOSTINHO, 2010, p. 80). Considere-se, então, esse termo “diálogo”, escolhido pelo tradutor lusófono. Sob uma perspectiva mais imediata, um diálogo pode ser tanto uma maneira de se chegar a uma ideia e, portanto, de se fazer filosofia, quanto a forma literária para exposição dessa ideia. O exemplo por excelência desses dois aspectos da palavra ‘diálogo’ é visto em Platão: interlocutores reunidos produzem ideias ao dialogar, e o escritor opta por uma exposição dessas ideias que reproduz o próprio diálogo, ou seja, a maneira como se as alcançou. De outro modo, o diálogo pode não ser a forma literária para a exposição da ideia, mas pode ter sido a maneira pela qual a ideia foi alcançada pelo pensador que a expôs. Em um sentido bem mais amplo, toda a tradição do pensamento do Ocidente pode ser imaginada como um grande diálogo: gerações de pensadores produzindo obras inspiradas pelo desejo de acrescentar, ou de refutar, ou de comentar o que seus antecessores, verdadeiros interlocutores do

passado, disseram antes, enriquecendo, neste processo, o salão imaginário.

Migalhas Filosóficas é, assim, uma peça que pode ser classificada como um espelho dialético. Seu fabricante o postou diante de outras peças que já existiam no salão de modo a refleti-las, e essas peças, escritos de pensadores gregos e cristãos, são dialéticas nos sentidos antigos e medievais acima mencionados. O dinamarquês lá entrou em silêncio, passando-se por simples entregador de uma encomenda, e alegou ter sido outro artesão, chamado Johannes Climacus, o fabricante da peça. No espelho dialético kierkegaardiano podem ser distinguidas, dentre muitas outras, imagens de diálogos de Platão e Agostinho, escritos dialogais tanto na forma literária quanto no modo de produzir ideias. Já foi dito acima que o espelho é convexo: em sua superfície refletora de área pequena, é capaz de abranger quase todo o salão. Contudo, como qualquer espelho desse tipo, naturalmente os objetos mais próximos aparecerão mais nítidos e visíveis ao observador. Propõe-se aqui, então, que se lance um breve olhar sobre alguns objetos dialéticos especialmente vistosos situados mais próximos ao espelho, cujas imagens refletidas podem ser vistas com mais nitidez.

## **2. Imagens gregas refletidas no espelho**

O espelho está diante de peças fabricadas por artesãos gregos, colocadas no salão há muitos séculos. Dentre essas muitas peças antigas que podem ser vistas em parte no reflexo do espelho, e que merecem atenção, está o Fédon, de Platão. Boa parte dele pode ser vista com nitidez no canto do espelho que foi projetado para ser o primeiro capítulo de Migalhas Filosóficas, denominada “experimento teórico”. Este capítulo mostra de maneira clara o aspecto dialético da obra. A ciência do bem disputar fica clara na contraposição entre dois modelos, ou projetos, denominados A e B, onde a perspectiva grega, especialmente a platônica, é colocada em diálogo com a perspectiva cristã que veio a fazer parte do salão poucos séculos depois. E é na exposição do modelo A que o reflexo do Fédon pode ser visto com clareza. Mesmo que o texto de Migalhas mencione logo no início o Menon, o argumento que sustenta, no Fédon, a ideia de reminiscência, está também bastante visível ali. Climacus informa ao seu leitor que Sócrates ensina que “todo aprender, todo procurar, não é senão um recordar, de sorte que o ignorante apenas necessita lembrar-se para

tomar consciência, por si mesmo, daquilo que sabe” (KIERKEGAARD, 2008, p. 28, SKS 4, 218). Kierkegaard dá a isso o nome de prova retrógrada da imortalidade da alma<sup>1</sup> e, em uma nota de rodapé, explica que esta ideia socrática revela uma concepção de preexistência da alma que, em última análise, está contida na ideia grega de reminiscência. Assim se expressa Kierkegaard textualmente: “Todas essas ideias constituem aquela ideia grega de reminiscência...” (KIERKEGAARD, 2008, p. 28, SKS 4, 219).

Ao mencionar essa prova retrógrada da imortalidade da alma, Kierkegaard permite ao seu leitor um vislumbre do argumento que Platão expõe pela figura de Sócrates, pela união do chamado “argumento dos contrários” com o argumento da preexistência da alma e da reminiscência. Segundo o argumento dos contrários, tudo aquilo que está sujeito à geração se gera de seu contrário: as coisas que se tornam pequenas eram necessariamente grandes (ou não teriam se tornado aquilo que antes não eram, ou seja, pequenas), o que se torna fraco era necessariamente forte, o que se torna lento era, necessariamente, veloz, e assim por diante.<sup>2</sup> Destes movimentos, Sócrates se permite então concluir que tudo aquilo que se torna vivo estava antes, necessariamente, morto, exatamente pela mesma razão que permite a afirmação de que o que agora está morto antes estava vivo.

Após expor esse argumento dos contrários, Sócrates passa ao argumento seguinte: se o vivo é gerado pelo morto, há algo que é passado de um estado a outro, da vida para a morte e de novo para a vida. A alma imortal é assim estabelecida. Se ela existe nos vivos, e se os vivos se geram a partir do que estava morto, a alma necessariamente existia anteriormente em algum lugar, e do que aprendeu neste lugar ela deve ser capaz de se lembrar, mesmo que o tenha esquecido ao nascer. A recordação, segundo Sócrates, é possível por causa da ideia de semelhança. Se alguém vê uma pintura de um cavalo ou de uma lira<sup>3</sup>, é capaz de reconhecer aquela imagem por recordar-se de já ter visto anteriormente um cavalo ou uma lira. Assim, o mesmo se dá com toda a aprendizagem. Para Sócrates, o homem é capaz de aprender por ter já estado em contato, antes de

---

<sup>1</sup> Cf. KIERKEGAARD, 2008, p. 28, SKS 4, 218-219.

<sup>2</sup> Cf. PLATÃO, *Fédon*, 70c-72e.

<sup>3</sup> Cf. PLATÃO, *Fédon*, 73e.

nascer, com as ideias, formas, aquilo de que tudo o que se vê na vida são imagens, tal como o cavalo pintado é a imagem do animal real.

Quando, então, o texto de Climacus chega à conclusão de que, na perspectiva socrática, o ser humano, ser capaz de aprender, ou aprendiz, já está na verdade, o que se vê é o artesão Kierkegaard permitindo ao admirador do espelho ver, dentre várias imagens possíveis, também uma parte, dentre várias, do trabalho de outro artesão, Platão. Alguns detalhes desta imagem, porém, podem ser percebidos por um observador que já tenha anteriormente visitado o salão do pensamento. Falta a este objeto de Platão, por exemplo, um detalhe presente em objetos que ali foram colocados posteriormente: Sócrates, na exposição do argumento dos contrários, fala de geração, mas não de criação. Fica assim parecendo que, sob a perspectiva socrática, toda alma foi gerada, mas não criada. A ideia de criação, se ausente no argumento dos contrários, está presente na perspectiva cristã, e nela somente um único homem foi gerado, mas não criado.

Muitas outras imagens gregas podem ser vistas no espelho dialético, e aquela acima mencionada é apenas um exemplo das mais visíveis. Para evidenciar de forma mais clara, porém, o aspecto dialético do espelho, é interessante lançar um olhar sobre algumas peças que representam o pensamento cristão, colocadas próximas às peças gregas, muitas vezes até mesmo misturadas a elas, mas ainda assim discerníveis em suas peculiaridades.

### **3. Imagens cristãs refletidas no espelho**

A dialética, com todos os sentidos que já lhe foram atribuídos ao longo da história da filosofia, conforme exposto acima, pode ser chamada de ciência do bem disputar. Também a palavra “disputa” pode ter sentidos diferentes, ainda que não tão variados quanto a dialética. Mesmo que a língua portuguesa seja capaz de evocar a ideia de contendas e rixas com a palavra “disputa”, ela também pode ter o sentido de debate, diálogo, aproximando-se assim daquilo que era identificado na antiguidade como *disputatio*. Se alguém interpretar a exposição dos projetos A e B de Migalhas Filosóficas como uma contraposição de coisas completamente opostas (sem que se desenvolva em uma síntese à maneira hegeliana), o aspecto dialético do texto realmente poderá ser referido a uma disputa contenciosa ou litigiosa. Mas não parece ser isto o que o espelho mostra. Os projetos A e B, de fato, possuem diferenças fundamentais,

que o próprio Kierkegaard deixa claras ao leitor em seu texto. Mas, junto a estas diferenças, podem ser vistos pontos de semelhança ou mesmo de continuidade. Afinal, o salão do pensamento ocidental seria irreconhecível se dele fosse retirada a composição harmônica percebida pela forma como estão dispostos os objetos gregos e cristãos. Sem estes objetos vistos em conjunto, a salão se descaracteriza completamente. Sem, porém, a percepção das diferenças essenciais naqueles objetos que ornamentam o salão, o visitante teria apenas uma percepção embaçada do conjunto. O espelho dialético kierkegaardiano é, assim, um bom espelho. Não borra as imagens, confundindo os objetos gregos e cristãos, mas dá uma visão da composição formada por eles, sem sugerir com imagens distorcidas que o cristianismo é somente uma espécie de platonismo vulgarizado.

Considerando então a imagem nítida que se vê no espelho, o seu aspecto dialético se evidencia com clareza, revelando sua acepção dialogal entre as duas correntes de pensamento: a grega pré-cristã, outrora chamada de filosofia pagã, e a cristã. Em sua obra bastante conhecida, as Confissões, Aurélio Agostinho deixa o leitor perceber, explicitamente, seu apreço pelo pensamento de Platão. No livro VIII desta obra, o Bispo de Hipona narra uma conversa que teve com Simplicio, pai espiritual do Bispo de Milão, Ambrósio. Agostinho narra que, quando disse a Simplicio que leu livros platônicos, recebeu dele “os parabéns por não ter caído nos escritos dos outros filósofos, cheios de falácias e enganos ‘segundo os elementos do mundo’” (AGOSTINHO, 2001, p. 167, PL 32, *Confessionum, Liber VIII*, 2.3). Para Simplicio (e, é possível dizer, também para Agostinho), “as obras platônicas sugerem, de todos os modos, Deus e o seu Verbo” (AGOSTINHO, 2001, p. 167, PL 32, *Confessionum, Liber VIII*, 2.3).

Mesmo que ele dê todo esse relevo ao pensamento platônico, Agostinho está ciente das diferenças entre a fê cristã e as ideias do filósofo grego. Voltando ao texto de Migalhas Filosóficas, pode-se perceber que Kierkegaard, pela pena de Johannes Climacus, parte justamente de uma dessas diferenças entre platonismo e cristianismo para desenvolver seu projeto B, expondo uma perspectiva particularmente cristã. Se, como visto acima, o estado anterior do aprendiz no pensamento socrático-platônico era o de conhecedor da verdade desde sempre, a conclusão lógica a que Sócrates se vê forçado a chegar é a de que não há aprendizado de fato, mas somente

recordação, ou seja, não se vai da ignorância à verdade, mas do esquecimento da verdade à possibilidade de que a verdade venha à tona no sujeito. Mas, se o estado anterior do aprendiz era o da não-verdade, ou seja, o estado do sujeito que nunca teve anteriormente acesso à verdade, então esse aprendiz necessita buscar a verdade, e necessita que a verdade lhe seja trazida por alguém que a ensine. É a partir daí que Climacus desenvolve a ideia da necessidade do mestre.

Se o aprendiz, sob esta perspectiva, não tem ainda a verdade em si mesmo, ou seja, por suas próprias forças, ele não deve ter também em si a condição de buscar a verdade, pois, se a tivesse em seu próprio poder, o argumento recairia assim na ideia de que, em última análise, o sujeito já possui a verdade, bastando acessá-la por seus próprios meios. Disto decorre a necessidade de um mestre. Se, porém, este mestre fosse um homem comum, não seria possível a ele ter adquirido a verdade, pois, como qualquer homem, ele mesmo não teria a condição para alcançar a verdade. A conclusão é a de que o mestre é “o deus que dá a condição e que dá a verdade” (KIERKEGAARD, 2008, p. 35, SKS 4, 224). O mestre, sob essa perspectiva, eleva-se acima dos demais homens, que não possuem a condição para a apreensão da verdade. O mestre é a própria verdade, conclamando os homens a passarem de um estado de não-verdade à verdade, do não-ser ao ser, ou seja, conclamando-os a nascer de novo. Igualmente, Kierkegaard mostra ao leitor que o estado anterior do sujeito, ou seja, o de estar na não-verdade, na perspectiva cristã, é o que se denomina pecado<sup>4</sup>, o estado dos seres humanos caídos, do qual só podem se elevar pela graça e pela vontade do mestre.

Nesta exposição do projeto B podem ser vistas várias peças do salão do pensamento representativas do cristianismo e de suas ideias. Dentre estas peças, algumas das que representam as obras de Agostinho podem ser mencionadas como bons exemplos de reflexos visíveis no espelho dialético kierkegaardiano. Sobre a ideia de alma, algumas considerações já podem ser feitas a partir deste ponto. Foi afirmado acima que a exposição platônica do argumento dos contrários, no Fédon, faz menção à ideia de geração, mas não de criação. Ora, tal ideia, com efeito, se harmoniza com a de imortalidade da alma, mas se desenvolve de tal maneira que permite ao leitor pensar que a alma é sempre perfeita e imutável, pois já está de posse da verdade desde sempre.

---

<sup>4</sup> Cf. KIERKEGAARD, 2008, p. 35, SKS 4, 224.



Este é um ponto em que se pode perceber uma discordância no pensamento de Agostinho em relação a Platão. Étienne Gilson, discorrendo sobre as ideias de Agostinho acerca da alma, mostra que o Bispo de Hipona reconhecia a natureza espiritual da alma, mas não admitia que a alma tivesse sido criada a partir da substância do próprio Deus.<sup>5</sup> Se fosse assim, a alma seria sempre imutável e perfeita. Contudo, os homens estão em pecado, como nota Climacus na exposição do projeto B, e se estão em pecado, não são perfeitos. A alma, assim, é necessariamente uma criatura de Deus, e, tal como toda a criação, foi criada *ex nihilo*, a partir do nada.<sup>6</sup> Todos os seres humanos são, assim, criaturas: criados são seus corpos e criadas são suas almas. A tradição cristã, porém, reconhece um único homem que não é criatura, aquele que é gerado, não criado, como afirmam as palavras do credo niceno-constantinopolitano. A argumentação tecida por Climacus, autor pseudônimo de Migalhas Filosóficas, para se referir ao mestre, reflete com perfeição esta ideia cristã: o mestre, que é a própria verdade, é a verdade desde sempre, e não foi criada, mas gerada da própria substância da eternidade. Os seres humanos, os aprendizes, recebem a verdade da própria verdade, assim como dela recebem o ser, vêm à existência, são criados.

No texto *A Imortalidade da Alma*, Agostinho se aprofunda neste argumento. A alma é imortal, não pode ser destruída em sua substância. Mas esta imortalidade não significa que não tenha sido criada, ou seja, não significa que tenha existido desde sempre, como na perspectiva platônica. É, portanto, imortal, mas não possui a perfeição da eternidade. É imperfeita, pela queda, e sua imperfeição pode se manifestar em seu aspecto formal, ou seja, ela pode ser deformada.<sup>7</sup> Nessa possibilidade de imperfeição na forma é que se manifesta o pecado e a ignorância.

A correção desta imperfeição deve, então, vir de fora do homem, deve ser concedida por Deus. Este é um dos aspectos em que se manifesta o diálogo, e o aspecto dialético, de Agostinho em relação a Platão (e do cristianismo em relação ao pensamento grego pré-cristão), e que pode ser visto no espelho kierkegaardiano. O pensamento de Agostinho se manifesta em muitos livros e textos, sua obra é extensa e pode ser representada como uma grande coleção de

---

<sup>5</sup> Cf. GILSON, 2010, p. 107-112.

<sup>6</sup> Cf. GILSON, 2010, p. 107-112.

<sup>7</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *De Immortalitate Animae*, 8.13

objetos no salão do pensamento ocidental. Alguns deles, porém, podem ser vistos mais de perto em sua relação de reflexão com Migalhas Filosóficas. Um deles é o diálogo que Agostinho mantém com a Razão, ou seja, consigo mesmo e com sua interioridade, em seus Solilóquios. Esta obra se inclui entre as do jovem Agostinho, da época em que este pensador, recém-convertido, retirou-se com um grupo de seguidores e amigos para a aldeia de Cassiciaco, no norte da Itália. O Bispo de Hipona, posteriormente, iria expressar uma evolução de seu pensamento, inclusive corrigindo-se e retratando-se de algumas das ideias expostas nas obras de sua juventude.<sup>8</sup> Contudo, muitos bons exemplos de diálogo com o platonismo podem ser encontrados nestas obras do período de Cassiciaco, uma vez que a influência do pensamento de Platão se mostra nelas mais forte.

Os Solilóquios fazem referência à teoria platônica da reminiscência que, como visto, é um dos temas do Fédon. Agostinho a conhecia bem, e chega a manter “a palavra reminiscência em sua obra, mas esvazia-a de seu significado platônico” (FIOROTTI apud AGOSTINHO, 2010, p. 12), como expõe o tradutor da obra para a língua portuguesa na edição citada.

De fato, Agostinho afirma que recordamos algumas coisas que estavam soterradas pelo esquecimento, escavando-as<sup>9</sup>, inclusive coisas que nossos olhos jamais viram, como os objetos ideais da geometria<sup>10</sup>. Estas recordações, porém, não são um vislumbre da verdade, como fica implícito no pensamento platônico. Nossa imperfeição pode levar-nos ao erro e ao engano, e o que recordamos pode ser distorcido pelo “espelho do pensamento”, que é mutável, ao contrário da verdade, que é “una e imutável” (AGOSTINHO, PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 20.35).

Para que a verdade não seja distorcida pelo espelho do pensamento, o homem depende de uma luz que lhe venha de fora, e que, para Agostinho, só pode vir de Deus. Esta ideia é expressa pela belíssima prece com que o autor inicia os Solilóquios: “Deus Luz inteligível, em quem, por quem e mediante quem tem brilho inteligível tudo o que brilha com inteligência” (AGOSTINHO, 2010, p. 16 e 17, PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 20.35). Esta ideia se mostra em consonância, assim, com o pensamento também exposto em outras

---

<sup>8</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *Retractationum*.

<sup>9</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 20.35.

<sup>10</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 19.33.

obras por Agostinho, como no argumento desenvolvido no livro *De Magistro*, em que Agostinho identifica o Mestre, Cristo, que é Deus, com a própria verdade<sup>11</sup>, e seu reflexo fica nítido no espelho dialético que Kierkegaard confeccionou.

#### **4. Imagens refletidas vistas em conjunto: potencial e limites do espelho**

O fabricante do espelho dialético, observando os objetos gregos e cristãos no salão do pensamento ocidental, expressa apreço pelo conjunto que eles formam, simétrico em alguns pontos, assimétrico em outros, mas, mesmo em suas diferenças, harmonioso. Assim como Agostinho reconheceu o valor dos livros platônicos, Kierkegaard, em seu Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor, admitiu a possibilidade de chamar Sócrates de mestre, mesmo que de um ponto de vista apenas formal.<sup>12</sup> A harmonia do conjunto, que se vê mesmo na assimetria, é assim vista também indiretamente pelo espelho, ou seja, pela leitura do livro do pseudônimo kierkegaardiano Johannes Climacus, *Migalhas Filosóficas*, no qual os exemplos mencionados acima podem ser vislumbrados.

Até agora, o observador hipotético do espelho olhava para ele bem de perto, buscando alguns detalhes dentro da totalidade da imagem refletida. Se o observador se afastar um pouco do espelho e olhar as imagens refletidas em seu conjunto, muitos outros aspectos dessa relação dialética entre o pensamento cristão e o pensamento grego poderão ser vistas, mesmo que algumas estejam maiores, mais nítidas e mais próximas, e outras menores e mais distantes. Aliás, como já foi mencionado, se o espelho é convexo, boa parte do salão pode ser vista, desde as obras mais antigas diante das quais o espelho foi colocado, até obras mais recentes, que podem até mesmo ter sido colocadas bem próximas a todo esse conjunto, como o pensamento de Hegel e os abundantes textos de inspiração hegeliana produzidos na primeira metade do século XIX.

Os exemplos expostos nos dois tópicos anteriores limitam-se apenas a uma pequena parte desse espelho pequenino, ou seja, a alguns aspectos de seu primeiro capítulo. Se alguém pretendesse se postar diante desse espelho para enumerar e expor todas as imagens

---

<sup>11</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *De Magistro*, 11.38.

<sup>12</sup> Cf. KIERKEGAARD, SKS 16, 36.

possíveis de serem vistas e identificadas em seu reflexo, esta pretensão poderia resultar em um extenso rol de muitas ideias relevantes, ou mesmo fundamentais, do pensamento do Ocidente. Migalhas Filosóficas é explicitamente dialético, sendo possível encontrar nesse livro, em outras passagens, argumentos que expressam a intenção clara de refutar ideias de outros pensadores. Um bom exemplo disto é o seu Interlúdio, um breve texto interposto entre dois capítulos de Migalhas Filosóficas, no qual é exposta uma contestação inequívoca de qualquer ideia que atribua necessidade ao que é temporal. E isto é um ponto a ser considerado.

Mantenha-se a imagem de um espelho para representar o livro Migalhas Filosóficas. Se é espelho, ele pode não só apresentar imagens refletidas aos olhos de um observador, como tem sido exaustivamente dito até agora. Um espelho é também capaz de lançar para longe a luz que é projetada em sua superfície. Assim, se ele é postado diante de uma fonte luminosa que lhe está próxima, ele pode refletir esta luz e levá-la a outras direções. Nesta reflexão da luz para outra direção e para um ponto mais distante se pode representar a originalidade da obra. Ela não se limita a repetir o que foi dito antes por outros, mesmo que o reflexo do que já foi dito seja identificável. Migalhas Filosóficas é uma obra original em sua forma literária, na maneira de expor os argumentos, mas também nas conclusões a que chega sobre noções distintas de contemporaneidade, sobre o conceito de verdade, sobre o paradoxo que emerge da distinção absoluta entre tempo e eternidade em sua indissolúvel relação na pessoa do Mestre.

Há que se lembrar, contudo, da advertência de Agostinho acerca do espelho, mencionada acima. Como exposto nos Solilóquios, o pensamento humano é um espelho<sup>13</sup>, sujeito a distorções da imagem da verdade, enquanto a verdade em si é perfeita e imutável. Migalhas Filosóficas é um livro, fruto do pensamento humano e, portanto, não sendo uma expressão perfeita da verdade perfeita, não pode ser lido como expressão completamente nítida e perfeita da verdade. É, portanto, perfeitamente lícito ao leitor criticá-lo. No tempo, porém, algumas coisas podem proporcionar um vislumbre da eternidade e da perfeição, “porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1ª Coríntios 13,12).

---

<sup>13</sup> Cf. AGOSTINHO, PL 32, *Soliloquiorum, Liber II*, 20.35.

### Referências bibliográficas

A BÍBLIA Sagrada: Tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada no Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

AGOSTINHO, Aurélio. Sanctii Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi Opera Omnia. In: MIGNE, J.-P. **Patrologiae cursus completus**. v. XXXII, Paris, 1845.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **De Magistro**. Edição bilíngue. Tradução e notas de Angelo Ricci. Porto Alegre: Publicações do Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios; A vida feliz**. Tradução, introdução e notas de Adauri Fiorotti. Coleção Patrística, 4 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução de Ernani Reichmann e Alvaro Valls. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Tradução de João Gama. Lisboa: edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. **Søren Kierkegaards Skrifter**. Disponível em: <<http://sks.dk>>  
Acesso em: 17 ago. 2016.

PLATONE. **Tutti gli scritti**. Edizione a cura di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2008.